

EBÓ DAS INFÂNCIAS AFRO-DIASPÓRICAS DE TERREIRO: POR UMA FILOSOFIA AFRICANA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

HIGOR LUAN SANTOS CAMARGO; CAROLINE TERRA DE OLIVEIRA²;

¹*Universidade Federal de Pelotas – higorcamargors@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – caroline.terraoliveira@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

As culturas infantis de terreiro são alicerçadas pela bioculturalidade, ou seja, uma cultura da vitalidade. O estado de infância em termos afrocêntricos são pluriversais. Na ancestralidade, encontram-se caminhos possíveis de reinventar e ressignificar os conhecimentos, as memórias e as narrativas infantis de terreiro. No presente trabalho, encontram-se reflexões e caminhos antagônicos à lógica branca euro-ocidental sobre as infâncias e a sua produção de conhecimento.

Nesse estudo, busco sistematizar a afrocentricidade como abordagem metodológica inovadora nos estudos sobre as culturas infantis afro-diaspóricas de terreiro. Encontrei diversos desafios metodológicos para tratar das infâncias africanas em diáspora a partir de nossas agências e perspectivas sobre o que somos, como produzimos conhecimento com as infâncias e como elas apontam para a emergência de uma Filosofia Africana da Educação na diáspora. Nesse sentido, essa dificuldade expressa o que trato na presente dissertação. Sendo, o epistemicídio o fundador das condições histórico-pedagógicas das infâncias afro-diaspóricas de terreiro.

As narrativas histórico-pedagógicas sobre as infâncias afro-diaspóricas podem caminhar por pelo menos dois polos, sendo eles a condição histórico-social (NOGUEIRA, 2019) e o estado biopsíquico (NOGUEIRA, 2019). De modo, que a primeira é atravessada pela racialidade (CARNEIRO, 2023) e a segunda pela ancestralidade (NASCIMENTO, 2020). A presente dissertação, pretende se alimentar da pluriversalidade (RAMOSE, 2011), na qual as infâncias afro-diaspóricas se alicerçam no estado biopsíquico (NOGUEIRA, 2019) e podem nos apresentar outros horizontes sobre as infâncias.

2. METODOLOGIA

A abordagem metodológica não poderia ser diferente, pois a afrocentricidade (ASANTE, 2009) desenha e costura as reflexões e as problematizações, que serão expostas no presente trabalho. Saliento, que a presente pesquisa, tem como pano de fundo abrir caminhos metodológicos afrolocalizados para futuras investigações, que possibilitam o amadurecimento dos debates e dos estudos sobre as infâncias afro-diaspóricas, principalmente de terreiro.

Encontrei diversos desafios metodológicos para tratar das infâncias africanas em diáspora a partir de nossas agências e perspectivas sobre o que somos, como produzimos conhecimento com as infâncias e como elas apontam para a emergência de uma Filosofia Africana da Educação na diáspora, os nossos métodos de pesquisa partindo da nossa localidade *epistêmica* e *ontológica*. As reflexões propostas pelo professor Jayro Pereira de Jesus - O que Fomos (África Pré-Colonial)? O que Fizemos de nós (Colonialismo)? O que Poderemos Voltar a Vir a Ser (LOPES, 2020) podem conduzir o presente trabalho e a aliança entre as infâncias africanas continentais e afro-diaspóricas de terreiro, tendo em vista, que o terreiro é um espaço de síntese dos valores civilizatórios e pedagógicos africanos. Portanto, torna-se necessário Sankofa - como aponta a epígrafe, para que seja possível realizar um trabalho comprometido de maneira ética, cultural e inovadora com os estudos africanos e afro-diáspóricos e as suas infâncias.

Entretanto, KARENGA (2009) nos recorda, que o *adinkra Sankofa*, também é uma ferramenta metodológica afroreferenciada, que em alguma medida apontará as infâncias afro-diaspóricas e africanas como protagonistas da vida e da comunidade (*Egbé*). Entendo, que as infâncias afro-diaspóricas e africanas representam o passado, o presente e o futuro, alguns pensadores podem questionar: qual a diferença entre elas? Em termos afrocêntricos, as infâncias africanas continentais e afro-diaspóricas são a máxima da potencialidade e da memória africana, a expressão máxima da ancestralidade e o seu poder sobre a vida e a morte, no que tange a potencialidade da infância, não se distinguem, mas se confluem. Em outras palavras, as infâncias afro-diaspóricas de terreiro são a expressão e a continuidade da memória africana e suas pedagogias: a expressão máxima da temporalidade africana.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estamos diante de uma condição historicamente e socialmente construída por práticas institucionais, o que desloca a infância de uma natureza biopsíquica para uma dimensão histórico-cultural e socialmente produzida (NOGUEIRA, 2019). Trata-se de uma condição histórico-social às infâncias afro-diaspóricas, resultantes da colonização, que são adestradas e castradas pela branquitude através da cultura anti-africana no Brasil. As condições e noções das infâncias que se concentram na natureza biopsíquica são justamente as infâncias biocêntricas e bioculturais - africanas ou em afro-perspectiva.

4. CONCLUSÕES

As diversas pedagogias e conhecimentos científicos das civilizações africanas foram relegadas ao primitivismo, ou pensamento infantil desprovido de qualquer veracidade (JUNIOR, 2011). Atualmente, tais conhecimentos estão sendo associados à religiosidade, sendo também uma tática de deslegitimidade dos conhecimentos pedagógicos e científicos que produzem os corpos de terreiro junto às suas infâncias.

As civilizações africanas que foram dispersadas pelo colonialismo mantiveram os seus conhecimentos através do corpo, da memória e da oralidade (verbal e não-verbal). Os discursos enfrentados pelos africanos são inclinados à depreciação e desumanização de seus corpos, mas principalmente da infância africana e sua descendência.

Nos terreiros, há o ensinamento de que cada *órisá* é representado por uma simbologia: Abelha de *Oshun*, o búfalo ou a borboleta de *Oyá*, o porco de *Odé* e *Otim*, O galo ou o Bode de *Elegbara*, a tartaruga de *Ossaim*, o cavalo de *Ògun*, o peixe de *Yemonjá*, o pombo ou o *Obí* de *Osala* e assim por diante. De fato, são povos, que sistematizam ensinamentos e conhecimentos, que reverberam na cultura de terreiro, que fundamentam a bioculturalidade (ANI, 1994).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANI, Marimba. *Yurugu: Uma crítica africano-centrada do pensamento e comportamento cultural europeu.* Yurugu. An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior. Trenton: Africa World Press, 1994.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: Notas sobre uma Posição Interdisciplinar. IN: Abordagem Epistêmica Inovadora. Org. Elisa Larkin Nascimento, São Paulo, Selo Negro, Coleção Sankofa: Matrizes africanas na cultura brasileira, 2009.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de Racialidade: A Construção do outro como Não Ser como fundamento Ser.* Zahar, 2023.

JÚNIOR, Vilson Caetano De Souza. Na palma da minha mão: Temas afro-brasileiros e questões contemporâneas. Universidade Federal da Bahia, Fundação de Amparo à Pesquisa do estado da Bahia. EDUFBA, Salvador, 2011.

KARENGA, Maulana. A função e o futuro dos estudos Africana: Reflexões Críticas sobre sua missão, seu significado e sua metodologia. Afrocentricidade: Uma Abordagem Epistêmica Inovadora. Org. Elisa Larkin Nascimento, São Paulo, Selo Negro, Coleção Sankofa: Matrizes africanas na cultura brasileira, 2009).

LOPES, Claudemira Vieira Gusmão. O que Fomos (África Pré-Colonial)? O que Fizemos de nós (Colonialismo)? O que Poderemos Voltar a Vir a Ser (Educação para a Descolonização dos Saberes) Revista Interterritórios de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, BRASIL | V.6 N.12, 2020.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. *Entre apostas e heranças: Contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil/Wanderson Flor do Nascimento.* 1. ed. Rio de Janeiro: NEFI, (Coleção Ensaios; 6), 2020. ISBN 978-65-991017-5-5.

NOGUEIRA, Renato. *Infâncias Diante do Racismo: teses para um bom combate.* Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 2, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623688362>. Acesso em: 12 maio 2025.

NOGUERA, R. A ética da serenidade: O caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope. Ensaios Filosóficos, v. 8, p. 139-155, dez. 2013.

NOGUERA, Renato. *Infância em Afroperspectiva: articulações entre Sankofa, Ndaw e Terrixistir.* Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 31: mai.-out./2019, p. 53-70. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28256>.

RAMOSE, Mogobe. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana, título original: On the legitimacy and study of African Philosophy. Tradução: Dirce Eleonora Nigro Solis, Rafael Medina Lopes, Roberta Ribeiro Cassiano. Ensaios Filosóficos, Volume IV - outubro/2011.